

Capítulo K1

Darién–Guayaquil

Página inicial	Lista das áreas
--------------------------------	---------------------------------

Esta área abrange as sociedades indígenas situadas no noroeste da América do sul, entre aquele ramo dos Andes denominado cordilheira Ocidental e o oceano Pacífico. Como algumas dessas sociedades também se fazem presentes no Panamá, incluí nesta área a parte desse país situada a leste do canal interoceânico. Desse modo, a área passou a ter dois litorais: um no Atlântico, ou mais especificamente no mar de Caribe, do arquipélago das Mulatas até o golfo de Urabá (o recanto mais interno do golfo de Darién); e outro no Pacífico, desde o golfo de Panamá até o norte do Equador, acompanhando uma suave reentrância do continente desprovida de um nome próprio. Trata-se de uma área excessivamente chuvosa e úmida, contrastando, assim, com o litoral que a segue, do sul do Equador até o norte do Chile, de clima árido. Outra característica da área é a predominância acentuada de negros na população regional não indígena. Quanto à economia, oscila entre clímaxes e estagnações ("boom and bust") de atividades voltadas para a exportação. A floresta úmida é bordejada por mangues na beira-mar.

A presença de ouro foi o motivo para a importação de grande número de escravos negros no passado. As revoltas de escravos levaram a um regime de trabalho especial em que se lhes concedia uma certa autonomia dentro da escravidão ("hemmed-in-freedom"), pela constituição de "quadrilhas" de escravos e de homens livres. Até hoje continua o garimpo na região, realizado por grupos de mulheres. Em alguns lugares se encontra a platina junto com o ouro. Financiadores e especuladores estrangeiros promovem a dragagem e, no Departamento de Chocó, a mineração em larga escala. Exploram-se também produtos florestais como salsaparrilha, epicac, quinino, sândalo, taguá (jarina), paina da árvore ceiba, balsa e couros. A taguá (jarina) ou marfim-vegetal ("ivory nut") foi muito procurada antes da Segunda Grande Guerra. A borracha passou por períodos de alta procura desde meados do século XIX até a Segunda Grande Guerra. Após essa guerra iniciou-se o cultivo de bananas para exportação, o que levou a um desvio de terras e trabalho antes aplicados às culturas de subsistência para essa lavoura comercial. Mais para o norte, essa atividade foi seguida pela cultura do arroz. No mesmo período da banana se inicia a exploração de madeiras brancas e de lei, com o estabelecimento de serrarias na região. Nos mangues se coletam conchas e se extrai cortiça rica em tanino. Peixes secos e cocos são outros produtos da orla marinha. De um modo geral todos esses produtos são explorados conforme um mesmo sistema: um centro de operações com acesso a portos de embarque, habitado por forasteiros brancos e mestiços (mamelucos?), que compram os produtos cultivados ou extraídos por negros, cafuzos (zambos), mulatos e índios. Esses mesmos forasteiros revendem ou gerenciam a transferência desses produtos para outras regiões desses países ou para o exterior. Como a procura desses produtos oscila entre a intensa demanda e o desinteresse do mercado, notam-se sempre centros em ascensão, outros

em decadência, corridas para cultivar ou extrair certos produtos alternadas com o retorno às atividades de subsistência (Whitten Jr. 1986: 74-77).



A agricultura de subsistência faz uso na região de uma técnica peculiar: o plantio de sementes, rizomas ou seções de caule é feito em primeiro lugar; depois é que o mato, árvores inclusive, é cortado, formando rapidamente uma camada em decomposição através da qual surgem os brotos dos vegetais cultivados, por ela adubados. Não se usa arado ou enxada, sendo o terçado ou facão o instrumento utilizado em todas as fases da atividade agrícola, complementado pelo machado para a derrubada das árvores grandes. A queimada é um recurso raramente aplicado (Whitten Jr. 1986: 67-68).

As sociedades indígenas que inclui nesta área falam línguas classificadas em duas famílias, a chibcha e a chocó. Convém dizer que as línguas e dialetos em que os Voegelin (1965: 37-39) dividem a segunda dificilmente podem fazer uma correspondência termo a termo com as atuais sociedades chocós consensualmente identificadas na região. Além disso,

nem sempre os trabalhos escritos sobre os chocós identificam a sociedade particular a que se referem.

Os cunas

Presentes em muito maior número no Panamá do que na Colômbia, os cunas se destacam por vários motivos na literatura antropológica. Para a Antropologia Biológica, por exemplo, conta o fato de constituírem a população com maior porcentagem de albinos no mundo (Araúz 1972a: 80).

Por outro lado, estudos pioneiros realizados pelos etnólogos suecos, a começar por Nordenskiöld, sobre religião e tradição oral, sobretudo um cântico para facilitar o trabalho de parto recolhido por um auxiliar de pesquisa cuna de um indígena mais velho (Holmer & Was- sen, 1947), permitiram a Lévi-Strauss (1967) escrever o famoso artigo sobre a eficácia simbólica, que culmina com a comparação entre xamanismo e psicanálise, sem dizer da divulgação de um interessante sistema de notação gráfica que permitia memorizar os cânticos (Stout 1963, prancha 52).

Também são muito conhecidas as *molas*, painéis elaborados pelas mulheres cunas sobre o peito e as costas das blusas que usam (Salvador 1976). São feitos pela sobreposição de vários tecidos de cores diferentes, de tal modo que os de baixo aparecem nos desenhos recortados nos de cima. Depois de usados nas vestes femininas, são vendidos a comerciantes que os põem nas lojas de suvenires.

Ainda mais notável é a organização política dos cunas atuais, que gozam de uma relativa autonomia frente ao organismo estatal do Panamá. Tendo assinado um tratado de paz com os espanhóis em 1787, que retiraram todas as fortificações da região com exceção de uma, os cunas gozaram de relativa tranquilidade no século XIX. Em 1903 o Panamá tornou-se independente da Colômbia e pouco a pouco começou a tomar medidas para intensificar o controle sobre os cunas, dos quais algumas comunidades haviam se recusado a abandonar sua lealdade à segunda. A polícia colonial criada para exercer tal controle, em vez de proteger os cunas contra os invasores panamenhos e colombianos de seu território, representados por extratores de borracha, plantadores de bananas, apanhadores de tartarugas, entre outros, começou um programa de aculturação forçada, o que levou os cunas de San Blas à revolta de 1925. Dissuadidos de retaliação pelos norte-americanos, os panamenhos aceitaram fazer um tratado de paz com os cunas, que lhes devolviam as armas de fogo tomadas à polícia (mas não as suas próprias) e se comprometiam a serem leais ao Panamá. A situação permaneceu um tanto indefinida até 1938, quando o governo panamenho reconheceu San Blas como reserva cuna, tendo os índios e representantes do governo elaborado uma constituição para a reserva em 1945, conhecida como a Carta Orgânica, complementada pela lei compreensiva da legislatura panamenha que, em 1953, regulamentava a administração de San Blas. As aldeias cunas tinham até então vivido em confederações, de número variável. No momento da promulgação da Carta Orgânica havia duas e seus chefes foram hierarquizados na direção da unidade política mais ampla que então se formava, sem dissolução das antigas, sendo ainda acrescentado um terceiro chefe dentre os modernistas, como eram conhecidos aqueles cunas mais favoráveis às missões religiosas, à interferência do governo panamenho e ao estabelecimento de escolas. A Carta Orgânica criava também um Congresso Geral, formado por chefes e representantes das aldeias, e reconhecia as atribuições de determinadas

autoridades panamenhas sediadas junto à reserva. A Polícia Colonial foi substituída pela Guarda Nacional. A situação política dos cunas não parou de evoluir e, ao que tudo indica, no sentido do reforço da ação do estado panamenho.

É Howe (1974: 20-28) que nos dá essa idéia geral da evolução recente da organização política dos cunas de San Blas. Mas sua tese se refere à organização política das aldeias cunas, com base no trabalho de campo numa comunidade específica. Ele descreve as reuniões cotidianas mantidas pela comunidade, as medidas que tomam, a extensa hierarquia de cargos, suas atribuições. O sistema reúne o moderno e o tradicional. As penalidades aplicadas, por exemplo, vão desde multas em dinheiro até o uso de urtigas.

A revista *América Indígena*, do Instituto Indigenista Interamericano, com sede na cidade do México, no seu volume 55, nº 4, de 1995, publicou a Carta Orgânica, a Lei de 1953 e outros documentos legais panamenhos relativos aos cunas e a outras etnias indígenas.

A partir do final do século XIX, os cunas moradores do litoral atlântico do Panamá, que são a maioria, iniciaram um movimento de ocupação das ilhas do arquipélago das Mulatas. É este arquipélago e a faixa costeira que lhe é paralela que correspondem à reserva de San Blas. Concentrações menores de cunas têm lugar nos rios Bayano, Chucunaque e Tuira, que correm para o Pacífico. Mas parece que a Carta Orgânica se aplica apenas aos da reserva de San Blás.

Na Colômbia, poucas centenas deles vivem junto ao golfo de Urabá. Se, por um lado, parecem mais arcaicos no que tange aos costumes cunas, por outro estão mais sujeitos ao controle e à interferência estatal. O volume *La Selva Humanizada*, coletânea de artigos organizada por François Correa (199Z) sobre as relações com a natureza e o pensamento ecológico dos índios da Colômbia, inclui um artigo de Jorge E. Morales referente aos cunas de Urabá.

Das sociedades indígenas que constituem esta área Darién-Guayaquil, talvez a dos cunas seja a única cujos membros vivem, na sua grande maioria, à beira do mar. Além das atividades de subsistência, aplicam-se à produção de cocos, outrora comprados por comerciantes colombianos cujas embarcações freqüentavam o litoral de San Blas, e hoje consumidos também pela indústria panamenha. As demais sociedades indígenas da área ficam mais para o interior, sendo a orla marinha ocupada pelos negros.

Os chocós

Diferentemente dos cunas, as sociedades chocós (isto é, os uaunanas, emberás, chamis e catios) não têm propriamente uma vida de aldeia. Suas casas se dispõem à distância umas das outras ao longo dos rios (Araúz 1972a: 85). No Panamá dedicam-se ao cultivo da banana (plátano) com fins comerciais (: 84-85). Com a crise do mercado da banana e da pacova, iniciam no final dos anos sessenta o plantio do arroz (Loewen 1972: 166-167). Faron (1962: 15) entretanto mostra que entre casas vizinhas há íntimos laços de cognação e casamento, formando frouxos aglomerados a que chama de setores. Tais setores tendem inicialmente à endogamia, mas, à medida que os novos laços matrimoniais geram mais parentes entre os quais o casamento é proibido, os parceiros matrimoniais passam a ser procurados em outros setores (Faron 1962: 18 e 36-37). O grupo doméstico se forma e opera sob a coordenação de um homem, que o funda após viver os primeiros tempos de seu casamento na casa do sogro. A criação do novo grupo doméstico pode ser em terras novas, numa parte do pacoval do pai

cedida por este, em terra herdada por morte do pai, em terra herdada por sua mulher ou em terra que sua esposa, viúva, administra em nome de seus filhos, que a herdaram do pai. O afastamento do grupo doméstico corresponde a um desligamento da cooperação econômica (Faron 1962: 26-33).

De grande importância na vida cotidiana dos chocós são os xamãs ou *jaibanás*, para com os quais os índios têm uma atitude ambígua: ao mesmo tempo que solicitam seus préstimos para combater doenças, temem a sua cobiça pelos seus bens, suas esposas, e evitam negar-lhes o que pedem, ou mesmo migram quando desconfiam que estão sendo visados por algum deles. Como os próprios xamãs, ao exercerem atividades de cura, acusam a outros como responsáveis pelos males que afetam o enfermo, contribuem ainda mais para alimentar essa desconfiança (Pineda Giraldo & Gutiérrez de Pineda 1984/1985: 127-130).

Por diferentes que possam ser as crenças relacionadas ao xamanismo chocó e ao cuna, há certas características que os aproximam: assim como o xamã cuna esculpe imagens que representam espíritos protetores que o acompanharão na jornada pelo corpo do paciente (Lévi-Strauss 1967: 216 e 219) e dispõe de uma escrita pitórica, baseada em uma convenção pessoal, feita com lápis de cor sobre papel, para ajudá-lo a lembrar da letra dos cânticos de cura (Stout 1963a: 268), o xamã chocó faz figuras sobre um quadro de madeira ou de tela de cortiça, que coloca junto a cabeça do paciente, de modo que este a veja, e seja sugestionado por ela e receba dela uma influência direta. Tem também pequenos bastões esculpido, de forma humana, que representam espíritos benéficos, ou terminados em cabeça de serpente, que representam espíritos maléficos, ou, ainda, terminados em pontas de lança, que são os auxiliares dos espíritos bons; cada um desses bastões é utilizado no tratamento de uma enfermidade; fazem também pequenos barcos mágicos de madeira, pintados e que abrigam certas figuras; possuem também frascos verdes ou azuis (cores designadas com a mesma palavra entre os chocós) cheios de água. Aliás, crêem que foi de uma gota azul ou verde que foram criados os chocós, e que de uma outra gota que imprudentemente deixou cair uma mulher sugiram os cunas (Pineda Giraldo & Gutiérrez de Pineda 1984/1985: 138-144). Por conseguinte, uns e outros têm atividades plásticas associadas a suas práticas mágicas.

Além disso, alguns dos materiais utilizados têm origem em produtos da indústria ocidental: papel, lápis de cor, vidros, o modelo do barco mágico. Vale acrescentar que o próprio mito de origem do xamanismo chocó contém um episódio que lembra a história de João e Maria (Pineda Giraldo & Gutiérrez de Pineda 1984/1985: 122-127).

O volume *La Selva Humanizada*, coletânea de artigos organizada por François Correa (199Z) sobre as relações com a natureza e o pensamento ecológico dos índios da Colômbia, inclui dois artigos referentes a indígenas desta área etnográfica: de Luis Guillermo Vasco e Aída Galves Abadía.

Os quáiqueres

A população quáiquer foi estimada em 4.500 indivíduos por Ann Osborn, na época em que essa etnóloga realizou pesquisa de campo entre eles, em 1961-62. Desse número, 1.000 não viviam na área indicada pela pesquisadora como território dos quáiqueres — o extremo sudoeste do departamento colombiano de Nariño, junto à fronteira com o Equador — e

geralmente não eram considerados como quáiqueres, apesar de falarem sua língua e se pautarem por sua cultura (Osborn: 1969/72: 216-218 e 310 — nota 13).

Para evitar a erosão e o lixiviamento no preparo da lavoura, os quáiqueres nunca queimam os arbustos e os vegetais rasteiros, poupando mesmo as árvores e, ainda que as derrubem, não lhes arrancam as raízes do solo, usando como instrumentos agrícolas apenas o terçado e o machado (Osborn 1969/72: 223-224). Normalmente deixam o solo descansar e se recuperar após algum tempo de cultivo, tempo que varia conforme o que ali foi colhido. Mais recentemente, entretanto, para evitar a invasão pelos regionais dos terrenos em repouso, esse tempo tem sido reduzido. Pela mesma razão, e por contarem, por isso, com menos terra, tem crescido a preferência pelo plantio da pacova, que permite explorar o mesmo lote por mais tempo (: 225). Um quáiquer só trabalha em terra que pertenceu a seus antepassados, na qual foram sepultados e à qual ele próprio retorna no fim de sua vida, se dela se afastou. Chega mesmo a evitar andar sobre a terra pertencente a outros quáiqueres não aparentados (: 238). Mesmo quando trabalha para mestiços, o quáiquer somente o fará em terras que pertenceram a seus antepassados, agora sob o controle de regionais que ainda vêm a ser longínquos parentes seus (: 241).

O grupo de irmãos é uma unidade fundamental na organização social quáiquer (: 241). Geralmente o casamento se faz entre um par de irmãos e um par de irmãs ou então dois pares constituídos cada qual de um irmão e uma irmã. Como este casamento está associado à alocação de terras de cultivo, os casamentos das gerações seguintes se operam tendo em vista a abertura de novos lotes, os períodos de pousio de lotes em uso, envolvendo o matrimônio entre certos primos paralelos e de tal maneira que a situação dos netos, quanto à terra, venha a reproduzir a situação dos avós, num sistema complexo que não poderia expor em poucas linhas (: 249-253). Nesse sistema que envolve relações matrimoniais e terras os grupos de irmãos são identificados por nomes de família cuja transmissão não consegui compreender.

Talvez estejamos diante de uma interessante oportunidade de estudo comparativo de como quáiqueres e chocós, com maneiras diferentes de compor o grupo doméstico e realizar o casamento, enfrentam o problema semelhante do pousio, da abertura de novas lavouras e ainda do deslocamento ou superutilização dos lotes devido à disputa de terras com os regionais negros ou mestiços (mamelucos?).

Articulações interétnicas

No *Handbook of South American Indians* os artigos referentes a algumas sociedades indígenas que incluí nesta área estão em páginas contíguas (Stout 1963a e 1963b e Murra 1963). Certamente, toda vez que recorremos a esta excelente obra de referência devemos nos lembrar que foi publicada há muitos anos. Mas já aí encontramos alguns dados referentes às interrelações entre as sociedades da área: as zarabatanas e seus projetis envenenados usados pelos cunas no passado teriam procedência chocó (Stout 1963a: 260); os chocós mantêm narrativas referentes a escaramuças com os cunas (: 263); os homens chocós, particularmente os xamãs, viajam por grandes distâncias, chegando a visitar os caiapas (Stout 1963b: 271). Faz referência também a relações com sociedades indígenas que pus em outras áreas: os colorados cruzavam os Andes para buscar veneno de flecha junto aos canelos (Murra 1963: 289), da área etnográfica Amazônia Extremo-Occidental. E ainda relações com os não-índios: as famílias caiapas visitavam a costa pelo menos uma vez por ano para comércio e fins

sociais, vendendo nas pequenas cidades equatorianas e colombianas borracha, sementes de taguá (jarina), cacau e outros produtos da floresta e artesanato, abastecendo-se de artigos industriais (Murra 1963: 281); os colorados chegavam a viajar a Quito para comprar pão (: 288). Aponta a influência negra, espanhola e quêchua na música dos colorados (: 290); a provável origem negra dos arpões usados pelos cunas (Stout 1963a: 257).

O texto de Osborn (1969/72: 217) faz alusão à possível origem africana da música festiva quáiquer e do instrumento com que é tocada, o xilofone; e ainda à procura de serviços mágicos junto a um índio do vale do Sibundoy, do outro lado dos Andes (: 262-263), na área etnográfica Cabeceiras do Putumayo e do Caquetá.

Altschuler (1965: 444-445) descreve um rito de estabelecimento de relação de compadrio, comum na área rural equatoriana, que freqüentemente se realiza entre negros e caiapas. Geralmente é um comerciante negro que pede para ser padrinho de uma criança caiapa de idade entre poucos meses e seis anos. Desse modo o comerciante consegue um lugar para comer e dormir em suas viagens de negócios e procura estabelecer essa relação com quantos possa entre os índios plantadores de banana. O caiapa, por sua vez, terá onde ficar em suas viagens à cidade. O rito consiste no corte das unhas da criança pelo padrinho, que coloca as aparas num copo de rum, o qual é bebido por ele e pelo pai, fazendo-se, assim, compadres.

Whitten Jr. (1986: 50-56, 122 e 178-179) dedica alguns comentários às relações entre índios e negros. A expansão da dominância dos brancos sobre as vilas leva a uma dispersão dos negros pela floresta e pelas áreas inundáveis, que por sua vez vai afetar os índios, que vêm suas aldeias cada vez mais envolvidas por eles, a ponto de dificultarem as relações entre as próprias comunidades indígenas. Se junto às aldeias indígenas os negros mostram uma certa deferência pelos índios, nas cidades, e sobretudo se na presença de brancos e mestiços, desrespeitam-nos. Ao mesmo comportamento são levados os índios quando nas aldeias e na presença de brancos e mestiços. A altanaria negra só se manifesta nas aldeias indígenas quando eles vêm os índios tocarem música de origem africana, como o fazem os caiapas e os quáiqueres. Numa economia monetária flutuante, dir-se-ia que os índios apostam preferencialmente na subsistência, enquanto os negros escolhem correr o risco monetário.

Enquanto Whitten Jr. faz seus comentários tendo em mente sobretudo a região litorânea do sul da Colômbia e do norte do Equador, Faron considera a parte setentrional da área de que estou tratando e, a julgar pelo que ele diz (Faron 1962: 14-15), embora a migração de chocós da Colômbia para o Panamá se faça há muito tempo, ela se tem intensificado devido à pressão da população negra. Mesmo no Panamá os chocós empreendem um deslocamento geral rio acima, não somente devido ao próprio ciclo de desenvolvimento de seus grupos domésticos, mas também para se afastarem dos negros e dos panamenhos citadinos.

Enfim, pode-se ainda acrescentar que tanto os negros temem e procuram os xamãs chocós e se valem dos conhecimentos de ervas medicinais dos indígenas, como também estes recorrem aos curandeiros negros (Pardo Rojas 1989: 193).

Bibliografia

ALTSCHULER, Milton. 1964. *The Cayapa: a Study in Legal Behavior*. Tese de doutorado pela University of Minnesota (University Microfilms International 65-00995).

ALTSCHULER, Milton. 1965. "Notes on Cayapa Kinship". *Ethnology* 4 (4): 440-447.

- ARAÚZ, Reina de Torres. 1962. "Los Indios Cuna Continentales". *América Indígena* 22: (4): 359-361.
- ARAÚZ, Reina Torres de. 1972a. "Panorama Actual de las Culturas Panameñas". *América Indígena* 32 (1): 77-94.
- ARAÚZ, Reina Torres de. 1972b. "Hábitos Dietarios y Dieta Cuantitativa de los Indios Chocóes (Panamá)". *América Indígena* 32 (1): 169-178.
- BENNETT, Charles F. 1968. "Notes on Choco Ecology in Darien Province, Panama". *Antropológica* 24: 26-55.
- BRIZUELA, Gladys Casimir de. 1972. "Etnografía Antigua de Panamá". *América Indígena* 32 (1): 37-66.
- CERÓN, Benhur. 1987. "Kwaiker". *Introducción a la Colombia Ameríndia* (François Correa & Ximena Pachón, orgs.). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología. Pp. 203-216.
- CHAPIN, Norman MacPherson. 1983. *Curing among the San Blas Kuna of Panama*. Tese de doutoramento por The University of Arizona (University Microfilms International 83-19716).
- CORREA, François (org.). 199Z. *La Selva Humanizada: Ecología Alternativa en el Trópico Húmedo Colombiano*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología.
- FARON, Louis C. 1962. "Marriage, Residence, and Domestic Group among Panamanian Choco". *Ethnology* 1 (1): 13-38.
- FRIEDEMANN, Nina S. de. 1985a. "Emberaes: escultores de espíritus". *Herederos del jaguar y la anaconda* (Nina S. de Friedemann & Jaime Arocha, orgs.). 2ª edição. Bogotá: Carlos Valencia. Pp. 233-263.
- FRIEDEMANN, Nina S. de. 1985b. "Cunas: parlamentarios y poetas". *Herederos del jaguar y la anaconda* (Nina S. de Friedemann & Jaime Arocha, orgs.). 2ª edição. Bogotá: Carlos Valencia. Pp. 265-294.
- GALVEZ ABADÍA, Aida. 199Z. "La agonía de la gallina de los huevos de oro: Crisis adaptativa y nutrición en el noroccidente antioqueño". Em *La Selva Humanizada: Ecología Alternativa en el Trópico Húmedo Colombiano* (François Correa, org.). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología. Pp. 227-243.
- GARVIN, Gloria Evelyn. 1983. *Cuna Psychotherapeutics: a Psychological, Social and Theoretical Analysis (San Blas Islands, Panama)*. Tese de doutorado em Antropologia pela University of California, Los Angeles (University Microfilms International 83-21975).
- GÓMEZ, Jorge Morales. 1972. "Contactos Culturales en el Golfo de Urabá: la Evangelización de los Cuna". *América Indígena* 32 (4): 1197-1210.
- HERNÁNDEZ DE ALBA, Gregorio. "Sub-andean Tribes of the Cauca Valley". *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, org.). Reimpressão. Nova Iorque: Cooper Square. Vol. 4: 297-327, especialmente 321-326, 1963.
- HERRERA, Francisco. 1972. "Aspectos del Desarrollo Económico y Social de los Indios Cunas de San Blas, Panamá". *América Indígena* 32 (1): 113-138.
- HOLMER, NILS & Henry WASSEN. 1947. *Mu-Igala or the Way of Muu, a medecine song from the Cunas of Panama*. Göteborg.
- HOWE, James. 1974. *Village Political Organization among the San Blas Cuna*. Tese de doutorado em Antropologia pela University of Pennsylvania (University Microfilms International 75-2740).
- HOWE, James. 1991. "The Struggle over San Blas Kuna Culture, 1915-1925". In *Nation-States and Indians in Latin America* (Greg Urban & Joel Sherzer, orgs.). Austin: University of Texas Press. pp. 19-52.
- HYERS, Charles W., John W. DALY & Borys MALKIN. 1978. "A Dangerous Toxic New Frog (Phyllobates) Used by Emberá Indians of Western Colombia, with Discussion of Blowgun Fabrication and Dart Poisoning". *Bulletin of the American Museum of Natural History* 161 (article 2): 307-366. New York.
- INSTITUTO LINGÜÍSTICO DE VERÃO. 1972. "Las Lenguas Indígenas de Panamá". *América Indígena* 32 (1): 95-104.

- JAÉN, Bertilda Tejeira. 1972. "El Festival de Danzas Cunas de Ustupo". *América Indígena* 32 (1): 139-146.
- KEMPF, Judith. 1982. *The Dynamics of Culture and Health: Disease and Curing among the Ecuadorian Coaiquer Indians under the Impact of Acculturation*. Tese de doutoramento pela State University of New York at Albany (University Microfilms International 82-25481).
- LANGENBAEK, Carl Henrik. 1991. "Cuna long distance journeys: The result of colonial interaction". *Ethnology* 30 (4): 371-380.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1967. "A eficácia simbólica". In *Antropologia Estrutural* (Claude Lévi-Strauss). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Pp. 215-236 (cap. 10).
- LOEWEN, Jacob A. 1972. El Cambio Cultural entre los Chocó de Panamá". *América Indígena* 32 (1): 159-168.
- LOSONCSY, A.M. 1990. "Controlling the multiple - Body and space in Embera shamanism in the Choco (Colombia)". *L'Homme* 30 (2): 75-10 .
- MEDINA, Guillermo A. 1972. "Algunas Consideraciones en Torno a la Marginalización del Indio en Panamá y al Desarrollo de la Comunidad como Medio de Integración Indigenista". *América Indígena* 32 (1): 105-111.
- MEDINA H., Andrés. 1972. "El Indio en el Contexto de la Sociedad Panameña". *América Indígena* 32 (1): 67-76.
- MORALES, Jorge E. 199Z. "Fauna, trabajo y enfermedad entre los Cuna". Em *La Selva Humanizada: Ecología Alternativa en el Trópico Húmedo Colombiano* (François Correa. org.). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología. Pp. 167-187.
- MORALES GÓMEZ, Jorge. 1987. "Cuna". *Introducción a la Colombia Ameríndia* (François Correa & Ximena Pachón, orgs.). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología. Pp. 263-277.
- MURRA, John. "The Cayapa and Colorado". *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, org.). Reimpresão. Nova Iorque: Cooper Square. Vol. 4: 277-291.
- ORTÍZ, Sergio Elías. "The Modern Quillacinga, Pasto, and Coaiquer". *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, org.). Reimpresão. Nova Iorque: Cooper Square. Vol. 2, p. 961-968, especialmente p. 967-968, 1963.
- OSBORN, Ann. 1969-1972. "Alliance and Ground Level: the Kwaiker of Southern Colombia". *Revista de Antropologia* 17-20 (2a. parte): 209-315. São Paulo.
- PARDO ROJAS, Mauricio. 1989. "Conflicto de hombres, lucha de espíritus: aspectos sociopolíticos de los jaibanás chocó". *Revista de Antropología* 5 (1/2): 175-198. Bogotá.
- PARDO ROJAS, Mauricio. 1987. "Indígenas del Chocó". *Introducción a la Colombia Ameríndia* (François Correa & Ximena Pachón, orgs.). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología. Pp. 251-261.
- PINEDA GIRALDO, Roberto & Virginia GUTIÉRREZ DE PINEDA. 1984-1985. "Ciclo vital y chamanismo entre los indios chocó: visión de mitad de siglo". *Revista Colombiana de Antropología* 25: 9-181. Bogotá.
- PRESTAN SIMÓN, Arnulfo. "El Rescate del Alma en la Sociedad Kuna". *América Indígena* 37(3), 1977. p. 749-758.
- RUBIO, Ángel. 1956. "La Situación Actual del Indígena en Panamá". *América Indígena* 16 (3): 205-212.
- SALVADOR, Mari Lyn Catherin. 1976. *Molas of the Cuna Indians: a case study of artistic criticism and ethno-aesthetics*. Tese de doutorado em Antropologia pela University of California, Berkeley (University Microfilms International 77-4588).
- SCOLNIK, Rosa. 1956. "Algunos Aspectos de la Vida de los Indios `Catío`". *América Indígena* 16 (1): 65-70.
- SEVERI, Carlo. 1988. "L'étranger, l'envers de soi et l'échec du symbolisme. Deux représentations du blanc dans la tradition chamanique cuna". *L'Homme* 106/107: 1-74-183.

- SHERZER, Joel. 1994. "The Kuna and Columbus: Encounters and confrontations of discourse". *American Anthropologist* 96 (4): 902-924.
- SMITH, Sandra. 1984. *Panpipes for Power, Panpipes for Play: The social management of cultural expression in Kuna society*. Tese de doutorado em Antropologia pela University of California, Berkeley (University Microfilms International 8427106).
- STOUT, David B. 1963b. "The Choco". *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, org.). Reimpressão. Nova Iorque: Cooper Square. Vol. 4: 269-276.
- STOUT, David B. 1963a. "The Cuna". *Handbook of South American Indians* (Julian Steward, org.). Reimpressão. Nova Iorque: Cooper Square. Vol. 4: 257-268.
- SWAIN, Margaret Byrne. 1978. *Ailigandi Women: Continuity and Change in Cuna Female Identity*. Tese de doutorado pela University of Washington (University Microfilms International 78-24504).
- VASCO, Luis Guillermo. 199Z. "Los Embera-Chamí en guerra contra los cangrejos". Em *La Selva Humanizada: Ecología Alternativa en el Trópico Húmedo Colombiano* (François Correa. org.). Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología. Pp.123-145.
- WASSÉN, S. Henry. 1964. "Some words on the Cuna Indians and specially their 'mola'-garments". *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, 15: 329-339 (mais 16 pranchas nas pp. 341-356).

Outros textos relativos à área

- AGIER, Michel. 2001. "Le temps des cultures identitaires. Enquete sur le retour du diable à Tumaco (Pacifique colombien)". *L'Homme* 157: 87-113.
- PAVI III, Paul David. 1967. *The Negro in Western Colombia*. Tese de doutorado em Antropologia pela Tulane University (University Microfilms International 67-17936).
- PRICE JR., Thomas James. 1955. *Saints and Spirits: a Study of differential Acculturation in Colombian Negro Communities*. Tese de doutorado em Antropologia pela Northwestern University (University Microfilms International 00-15158).
- WHITTEN JR., Norman Earl. 1964. *An Analysis of Social Structure and Change: Profile of a Northwest Ecuadorian Town*. Tese de doutoramento por The University of North Carolina at Chapel Hill (University Microfilms International 65-09073).
- WHITTEN JR., Norman. E. "The Ecology of Race Relations in Northwest Ecuador". Em *Contemporary Cultures and Societies of Latin America*, org. por Dwight B. Heath. New York: Random House, 1965. 2a. edição. p.327-40.
- WHITTEN JR., Norman. E. *Black Frontiersmen: Afro-hispanic culture of Ecuador and Colombia*. Prospect Heights: Waveland, 1986. Reedição com modificações.
- WHITTEN Jr., Norman. 1974. "Ritual Enactement of Sex Roles in the Pacific Lowlands of Ecuador-Columbia". *Ethnology* 13(2): 129-143.
- WHITTINGTON JR., James Attison. 1971. *Kinship, Mating and Family in the Choco of Colombia: an Afro-American Adaptation*. Tese de doutoramento pela Tulane University (University Microfilms International 72-14209).

Textos gerais

- VOEGELIN, C.F. & F.M. VOEGELIN. 1965. "Languages of the World: Native America fascicle two". *Anthropological Linguistics* 7 (7).

DARIÉN-GUAYAQUIL					
Nome tribal e sinônimos	CGNT	Classificação lingüística	População	Data	Fonte
emberá	Emberá	chocó	22.485 PN 50.430 CB [a]	2000 1993	CEPAL Bodnar
chami chimi	Txamí Tximí		[a]		
uaunana noanamá	Waunâna Noanamá		6.882 PN 6.284 CB	2000 1993	CEPAL Bodnar
catío	Katío	chibcha	[a]		
cuna	Kúna		61.707 PN 1.073 CB	2000 1993	CEPAL Bodnar
quáiquer	Kwáiker Awa		11.327 CB 3.283 EQ [b]	1993 2001	Bodnar INEC: 33
caiapa chachi	Kayápa Txatxí		5.465 EQ [b]	2001	INEC: 33
colorado tsachila	Colorado Tsatxíla		1.484 EQ [b]	2001	INEC: 33
sinu zenu	Sinú Zenú			38.736 CB	1993

Abreviaturas e notas do quadro

[a]→ A população catío, chami e emberá da Colômbia está toda somada sob o nome emberá.

[b]→ Convém ter em conta que, das pessoas que se identificaram como indígenas no censo de 2001 no Equador, somente 64,4% explicitaram o povo a que pertenciam.

Bodnar → BODNAR, Yolanda. "Pueblos Indígenas de Colombia: Apuntes sobre la diversidad cultural y la información sociodemográfica disponible". Em *Pueblos Indígenas y Afrodescendientes de América Latina y el Caribe: Información sociodemográfica para políticas y programas*. Santiago: CEPAL, 2006, pp. 135-154, Quadro 2. Em: <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/5/23525/notas79-cap8.pdf>

CB→ Colômbia.

CEPAL → "Los Pueblos Indígenas de Panamá: Diagnóstico sociodemográfico a partir del censo del 2000". Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2005, Quadro III.5, p. 37. Em: <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/7/22277/LCW20-panama.pdf>

CGNT→ "Convenção para da grafia dos nomes tribais", assinada pelos participantes da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, de modo a uniformizar a maneira de escrever os nomes das sociedades indígenas em textos em língua portuguesa. Essa "Convenção" foi publicada na *Revista de Antropologia* (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, pp. 150-152) e posteriormente nas primeiras páginas (não numeradas) do volume organizado por Egon Schaden, *Leituras de Etimologia Brasileira* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976). Preferimos, entretanto, usar a ortografia oficial brasileira.

EQ→ Equador.

INEC→ Chisaguano, Silverio. "La población indígena del Ecuador". Instituto Nacional de Estadística y Censos. Quito, 2006, Quadro 6, p. 33. Em www.acnur.org/biblioteca/pdf/7015.pdf?view=1.

PN→ Panamá.

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)